

O “DIALOGO DI UN VENDITORE DI ALMANACCHI E DI UN PASSEGGERE”
DE LEOPARDI NA IMPRENSA BRASILEIRA DO SÉCULO XX (1910-1935):
MATERIALIDADE, PARATEXTO E TRADUÇÃO

*THE “DIALOGO DI UN VENDITORE DI ALMANACCHI E DI UN PASSEGGERE”
BY LEOPARDI IN THE BRAZILIAN PRESS OF THE 20TH CENTURY (1910-
1935): MATERIALITY, PARATEXT AND TRANSLATION*



Ingrid BIGNARDI
Doutoranda em Estudos da Tradução
Universidade Federal de Santa Catarina
Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras
Pós-Graduação em Estudos da Tradução
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
orcid.org/0000-0002-3187-6246
ingridbignardi@gmail.com

Andréia GUERINI
Professora Titular
Universidade Federal de Santa Catarina
Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras
Pós-Graduação em Estudos da Tradução
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
orcid.org/0000-0002-3187-6246
andreia.guerini@gmail.com

211

Resumo: Este artigo trata da presença de Giacomo Leopardi na imprensa escrita brasileira do século XX, especialmente os anos de 1910 a 1935, a partir das ocorrências do *Dialogo di un venditore di almanacchi e di un passeggero*, publicado nas *Operette morali/Opúsculos morais*. A pesquisa foi realizada nos arquivos eletrônicos da Hemeroteca Brasileira Digital (<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>) e o resultado nos levou a quatro traduções do diálogo, por isso analisamos as estratégias de publicação dessas traduções a partir de aspectos da materialidade da imprensa, os paratextos e a sua relação com a tradução, tendo como base as reflexões de Nelson Werneck Sodré (1977), Patrícia Willson (2004), Luc V. Doorslaer (2010), Karen Littau (2016) e Kathryn Batchelor (2018).

Palavras-chave: Giacomo Leopardi. *Operette Morali*. Imprensa brasileira. *Materialidade, Paratexto e tradução*

Abstract: *The present article is about Giacomo Leopardi presence in the Brazilian written press of the 20th century, especially from 1910 to 1935, from the Dialogo di un venditore di almanacchi e di un passeggero occurrences, published in the Operette morali/The Moral Essays. The search was done in electronic archives of the Brazilian Digital Newspapers Archive (<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>) and the results led us to four translations of the dialogue. Thus, we analyzed the publication strategies of these translations considering aspects of the press materiality, the paratexts and their relation with translation, based on reflections of Nelson Werneck Sodré (1977), Patrícia Willson (2004), Luc V. Doorslaer (2010), Karen Littau (2016) e Kathryn Batchelor (2018).*

Keywords: *Giacomo Leopardi. Operette Morali. Brazilian press. Materiality, Paratext and translation*



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

O escritor italiano Giacomo Leopardi alcançou glória e fama no século XX quando sua obra começa a se difundir na Itália, sendo acompanhada de um intenso e contínuo escrutínio crítico. Outra fonte de difusão da obra de Leopardi foram as traduções em diferentes línguas¹.

No Brasil, por exemplo, antes das traduções em livros, parte das obras desse escritor circulou na imprensa, conforme apontado por Dilea Manfio (1979), Mariagrazia Russo (2003), Ingrid Bignardi (2015, 2018) e Andréia Guerini e Ingrid Bignardi (2015) e Ingrid Bignardi e Andréia Guerini (2019).

Como a presença de Leopardi na imprensa escrita brasileira é ainda pouco conhecida e a fim de dar continuidade às pesquisas relacionadas com a recepção de Leopardi no sistema cultural brasileiro, este artigo tem por objetivo apresentar e analisar as estratégias utilizadas nas traduções do *Dialogo di un venditore di almanacchi e di un passeggero*, que foram publicadas na imprensa de 1910 a 1935, a partir de consulta realizada na Hemeroteca Digital Brasileira².

A busca na Hemeroteca Digital Brasileira foi realizada através da seleção de período, com o uso das palavras-chave “Leopardi”; “Operette Morali” e “Opúsculos Morais”, tendo sido o material selecionado por década e depois distribuído por ano.

O resultado parcial mostra que no período de 1910 a 1935 temos 861 ocorrências quando usamos a palavra-chave “Leopardi”; nenhuma ocorrência quando usamos a palavra-chave “Operette Morali” e 68 ocorrências quando usamos “Opúsculos Morais”³.

Para analisar a presença de Leopardi na imprensa, utilizaremos as reflexões de Nelson Werneck Sodré (1977), Patrícia Willson (2004), Luc V. Doorslaer (2010) e Karen Littau (2016), que discorrem sobre materialidade da imprensa e a sua relação com a tradução, e para as questões paratextuais Marie-Hélène C. Torres (2011) e Kathryn Batchelor (2018) .

A escolha deste arco temporal deve-se ao aumento das publicações de traduções das obras em prosa de Giacomo Leopardi na imprensa brasileira e o período aqui investigado inicia com a *Belle Époque*, quando houve uma tentativa de “civilização” da sociedade brasileira que não foi aceita pela população, ocasionando diversas tensões sociais. Esse projeto civilizatório, segundo Nelson Werneck Sodré (1977), caminhava *pari passu* com a industrialização da imprensa, que teve um desenvolvimento mais tecnológico, produzindo a intensificação do modo de produção e a fragmentação das seções dos periódicos e é nesse momento que começam a surgir as colunas e revistas literárias (BAHIA, 1990, p. 128).

As divisões por temas em revistas e jornais, tais como literatura, economia e esportes, acabou por gerar uma modificação nos gêneros publicados com uma diminuição nos conteúdos

BIGNARDI, Ingrid; GUERINI, Andréia. O “Dialogo di un venditore di almanacchi e di un passeggero” de Leopardi na imprensa brasileira do século XX (1910-1935): materialidade, paratexto e tradução. *Belas Infieis*, Brasília, v. 9, n. 5, p. 211-228, out./dez., 2020. e-ISSN: 2316-6614. DOI: 10.26512/belasinfeis.v9.n5.2020.32912

literários e um aumento nos conteúdos políticos e econômicos (SODRÉ, 1977, p. 296). Com essas transformações, a imprensa brasileira se mostra cada vez mais alinhada ao cenário político. Assim, consolida-se o que era até então a imprensa industrial e surge, segundo Nelson Werneck Sodré, a Grande Imprensa, que se situa em um período entre os anos de 1890 e 1910 (SODRÉ, 1977, p. 270-305).

Após a Revolução de 1930 e a instalação de Vargas no poder, a imprensa fica dividida. De um lado, os periódicos que se mantêm fiel ao governo e se submetem à sua propaganda política; de outro, seus opositores, ocorrendo “[...] o empastelamento de jornais, prisão de jornalistas, censura, venalidade de parte da imprensa.” (ROMANCINI; LAGO, 2007, p. 98). Apesar do empastelamento ter iniciado já nos primeiros anos da década de 1930, a imprensa gozava ainda de certa liberdade até se chegar ao período de maior repressão e censura que é o Estado Novo (1937-1945).

É dentro desse contexto brevemente resumido que o escritor italiano circula na imprensa brasileira, primeiro como o poeta patriótico, depois como o filósofo pessimista, tendo algumas de suas obras veiculadas em tradução, corroborando parte das análises críticas advindas da Itália e principalmente da França, conforme evidenciado na monografia intitulada *Leopardi na Imprensa Brasileira do século XIX: poeta ou prosador?*, de Ingrid Bignardi (2015).

Como poeta patriótico um dos casos mais emblemáticos ocorre ao final do século XIX no *Correio Paulistano* na coluna “Sezione Italiana” assinada por Arsenio Pessolano. Nos artigos, Pessolano utiliza a obra de Giacomo Leopardi para analisar a sociedade brasileira e o nacionalismo. Como filósofo/poeta pessimista, a imagem do Leopardi difundida no início do século XX é a do “Cisne Negro”. Isso se deve principalmente ao livro de Hippolyte Fierens Gevaert intitulado *La tristesse contemporaine*⁴, quando no capítulo VIII caracteriza Leopardi como o “Cisne Negro de Recanati”, porque para ele, Leopardi, “L’auteur de l’Histoire du genre humain fut réellement le fondateur du pessimisme dogmatique” (FIERENS-GEVAERT, 1899, p. 68). O livro, lançado em 1899, teve, em 1900, uma tradução para o espanhol, realizada por Andrés Torrente e em 1910, a tradução parcial para o português por tradutor desconhecido⁵. Após a tradução em português, foram publicados na imprensa brasileira, de 1910 a 1918, oito textos⁶ que mencionam Leopardi como Cisne Negro, imagem essa que foi reproduzida até os anos finais da década de 1930.

Dentre os textos de Leopardi que circularam em tradução na imprensa, no período de 1910 a 1935, destacamos as *Operette morali*, que são um conjunto de 24 diálogos escritos entre 1824 e 1832. Os temas discutidos nessas “operette” referem-se a questões filosóficas, tais como

BIGNARDI, Ingrid; GUERINI, Andréia. O “Dialogo di un venditore di almanacchi e di un passeggero” de Leopardi na imprensa brasileira do século XX (1910-1935): materialidade, paratexto e tradução. *Belas Infêis*, Brasília, v. 9, n. 5, p. 211-228, out./dez., 2020. e-ISSN: 2316-6614. DOI: 10.26512/belasinfieis.v9.n5.2020.32912

a relação do homem com a vida, a história, a natureza, as ilusões⁷, a glória, o tédio⁸, e um dos mais traduzidos e publicados na imprensa brasileira no período investigado é o *Dialogo di un venditore di almanacchi e di un passeggero*. Nesse texto, escrito em 1832, Leopardi coloca em diálogo dois personagens, um vendedor de calendários, com uma visão otimista da vida e um passante, com uma visão pessimista, para tratar de questões como a felicidade, as ilusões, o prazer, o tempo passado, presente e futuro.

Esse diálogo foi publicado em tradução na imprensa brasileira em datas próximas à virada de ano, pois o vendedor de calendários sugere que o que está no futuro (ano novo) será sempre melhor que o presente. As colunas literárias publicaram esse diálogo com um intuito possivelmente pedagógico, a fim de mostrar aos seus leitores que a aparente renovação da esperança na sociedade é uma mera ilusão.

Embora a intersecção entre tradução e imprensa seja um tópico ainda pouco abordado, Luc Van Doorslaer ao tratar sobre a figura e o papel do tradutor na imprensa, do início do século XX, diz que essa relação acontece, principalmente, através do trabalho de *transediting*, que consiste na “[...] combinação complexa e integrada de coleta de informações, tradução, seleção, reinterpretação, contextualização e edição”⁹ (2010, p. 180, tradução nossa).

Desse modo, podemos hipotetizar que a não menção do nome do tradutor ou até mesmo a menção apenas das iniciais do nome do tradutor, como veremos a seguir, deve-se ao entendimento da tradução como prática discursiva, pois segundo Patrícia Willson:

O sujeito dessa prática – o tradutor – não é individual, mas sim porta voz de um grupo social que se formou um sistema de representações dessa prática, do público leitor, da literatura estrangeira, dos vínculos entre a literatura estrangeira e a literatura nacional¹⁰. (WILSON, 2004, p. 125, tradução nossa)

Sendo o tradutor aquele que opera as mais diversas funções de edição, a sua visibilidade na imprensa não é importante. Excetua-se a visibilidade do tradutor quando esse possui um determinado *status* que pode de certa forma ser vantajoso ao periódico nas vendas.

Outro aspecto importante é pensar a tradução como produto, suas especificidades e sua materialidade, porque de acordo com Patricia Willson “a especificidade da literatura traduzida não se encontra no processo de tradução, mas sim no modo em que o produto – a tradução – funciona na literatura receptora, ou na cultura receptora”¹¹ (2004, p. 135).

Deste modo, pensar a literatura traduzida como produto possibilita também pensar como a literatura traduzida veiculada na imprensa pode modificar a trajetória da história da tradução de um determinado autor ou determinada obra, até porque “a história midiática não é apenas

BIGNARDI, Ingrid; GUERINI, Andréia. O “Dialogo di un venditore di almanacchi e di un passeggero” de Leopardi na imprensa brasileira do século XX (1910-1935): materialidade, paratexto e tradução. *Belas Infieis*, Brasília, v. 9, n. 5, p. 211-228, out./dez., 2020. e-ISSN: 2316-6614. DOI: 10.26512/belasinfeis.v9.n5.2020.32912

um suplemento para outros tipos de investigação histórica, é a mudança para o como nós entendemos a história como um todo'. A mídia faz a história, a cultura, a comunicação e a tradução possível.”¹² (LITTAU, 2016, p. 87, tradução nossa). É por isso que ao analisarmos as traduções do *Dialogo di un venditore di almanacchi* publicadas na imprensa brasileira é importante também tratar dos aspectos da materialidade da imprensa e a sua relação com a tradução e seus paratextos.

Karen Littau apresenta a materialidade como propriedades materiais e técnicas que carregam significados, percepções e mentalidades (2016, p. 87). Essa concepção parece estar alinhada à concepção e exposta por Roger Chartier em *Escutar os mortos com os olhos* (2010). Para ele, o sentido do texto depende da forma que é oferecido à leitura. Essa forma seria o formato, a construção da página, a divisão do texto, a presença e ausência de imagens etc. (2010, p. 8). Porém, a diferença entre Littau e Chartier está na análise dessa materialidade. Enquanto para Chartier a materialidade é uma propriedade do material escrito, uma vez que os fac-símiles em arquivos digitais geram uma descontinuidade e fragmentação do texto (2010, p. 9), para Karen Littau, pensar a materialidade é também pensar o meio em que essa materialidade ocorre, como por exemplo, livros, jornais e revistas, e a forma como ocorre impressa ou digital.

215

Outro aspecto a se mencionar na nossa análise é a presença dos textos de acompanhamento nas traduções, que para Torres é uma marca paratextual e [...] o lugar onde frequentemente a ideologia aparece de forma mais clara.” (2011, p. 17). Por sua vez, Batchelor aprofunda a questão dos paratextos relacionando-os diretamente com a tradução:

O paratexto consiste em qualquer elemento que carregue comentários sobre o texto, apresente o texto ao público-leitor, ou influencie a recepção do texto. Os elementos paratextuais podem ou não se manifestar materialmente; quando se manifestam, podem ser fisicamente anexados ao texto (peritexto) ou separados (epitexto). [...] Um peritexto é, portanto, por definição, paratextual. Outros elementos fazem parte do paratexto apenas na medida em que desempenham uma das funções listadas acima, ou seja, *carregar comentários sobre o texto, apresentar o texto ao público-leitor ou influenciar a recepção do texto*.¹³ (BATCHELOR, 2018, p. 12, tradução nossa)

São os aspectos da materialidade associados à tradução e aos paratextos que analisaremos nas traduções do diálogo de Leopardi.

No período de 1910 a 1935, são publicadas quatro traduções do *Dialogo di un venditore di almanacchi e di un passeggero*: no jornal *Correio Paulistano*¹⁴, em 1910; na revista *Fon-Fon*¹⁵, em 1915; na revista *Para Todos*¹⁶, em 1923 e no jornal *A Noite*¹⁷, em 1935.

BIGNARDI, Ingrid; GUERINI, Andréia. O “Dialogo di un venditore di almanacchi e di un passeggero” de Leopardi na imprensa brasileira do século XX (1910-1935): materialidade, paratexto e tradução. *Belas Infêis*, Brasília, v. 9, n. 5, p. 211-228, out./dez., 2020. e-ISSN: 2316-6614. DOI: 10.26512/belasinfeis.v9.n5.2020.32912

Uma das primeiras traduções do diálogo aqui analisado aparece no jornal *Correio Paulistano*, em 4 de janeiro de 1910¹⁸. O autor é identificado apenas com as iniciais J. C.. A não apresentação do nome completo do tradutor corrobora na construção do *status* de sua invisibilidade e confirma a tese de Doorslaer, mencionada anteriormente.

Consciente de que a obra de Leopardi não era muito conhecida do público leitor brasileiro, antes da tradução, o cronista trata de alguns elementos da vida cotidiana que se relacionam com o diálogo, ambientando o leitor à temática da obra e inserindo-a no contexto cultural brasileiro. Na apresentação, J.C. inicia a discussão sobre o tema esperança que só terminará na conclusão, lugar que também aborda sobre o pessimismo de Leopardi.

Entre os temas abordados, está a esperança que o cronista parece interpretar pelo viés religioso: “Porque, não se deve esquecer, com a esperança anda sempre aliada a fé, e sem esta nada se consegue. Da fé, que nada mais é do que a convicção, nasce a força para as batalhas da vida.”¹⁹ (J.C., 1910, p. 1). Além disso, o cronista questiona se o momento da virada do ano teria alguma influência sobre a nossa vida. Apesar de serem temas complexos, o autor os aborda de forma simples para não perder o diálogo com os seus leitores, como podemos ver no trecho a seguir:

Aos meus leitores (si é que os tenho) *boas festas*. Não quero que digam ser o cronista um plumitivo arredo e avesso a taes manifestações de rejubilante alvoroço que se alastra por todas almas esperançosas do atravessarem o anno novo, confortadas com provisão de fartos prazeres ou divorciadas por completo do escuro pezares. Não ha cousa melhor que a esperança: sem ella que seria de nós? Esperar! Nesta palavra se resume, póde dizer-se, a vida do homem. (J. C., 1910, p. 1)

No final da apresentação de J.C., fica evidente que se trata de uma tradução, porque ele usa a palavra “transladar”, ou seja, trata-se de uma “tradução assumida” (TORRES, 2011), conforme lemos abaixo:

Taes interrogações, que me surgiram no espirito, me levaram a folhear com curiosidade uma pagina pessimista de Leopardi, o cantor desesperado da *infelicità*. E’ o celebre dialogo de um transeunte e de um vendedor de almanachs. Não resisto ao desejo de transladar para aqui um trecho desse dialogo, que, comquanto esteja saturado de amargo pessimismo, não deixa comtudo de nos faser pensar, o que já é alguma cousa. (J. C., 1910, p. 1)

J.C. não traduz o texto integralmente, como ele mesmo adverte, pois interrompe a sua tradução para concluir com um texto próprio falando sobre a temática da esperança. Nessa

conclusão, J.C. conversa com os seus leitores para refletirem a partir do texto de Leopardi sobre o ano novo:

Medite o leitor esse trecho de Leopardi e, depois, diga si não ha nelle um fundo solido de razão. Quem desejará, em verdade, voltar á sua infancia para tornar a viver a mesma vida até á idade em que se acha? Porque o indubitavel é que, no balanço que cada qual der á sua existencia passada, os males terão sempre um activo maior do que os prazeres. (J. C, 1910, p. 1)

Podemos hipotetizar que a decisão de não traduzir completamente o diálogo demonstre que o cronista tivesse uma maior liberdade em suas escolhas. Além disso, essa intervenção do cronista em forma de diálogo com o leitor nos possibilita pensar algumas questões sobre a tradução. A primeira delas é o espaço que o tradutor dispõe dentro do periódico, por isso a escolha de não traduzir completamente o diálogo seja decorrente do espaço limitado que o tradutor possuía ou então por querer priorizar o espaço para interpretar o texto de Leopardi. Nesse caso, o cronista tinha cerca de 1/3 da primeira página, um espaço considerável e de destaque. Para J.C., parece que mais importante que a tradução integral do diálogo, era a discussão sobre o seu conteúdo. Provavelmente, ele tenha privilegiado apresentar ao leitor brasileiro a discussão dos temas que permeiam o diálogo, ao invés de colocar/priorizar apenas a tradução. Outro ponto de destaque é a intenção do cronista de incorporar o conteúdo que ele apresentou aos leitores através da tradução; sendo assim, o texto se constitui como um ensaio tradutório que ao final se apresenta quase como uma espécie de editorial para o ano-novo.

217

Ao final desse editorial-tradução, o cronista que inicialmente parecia concordar com a filosofia do texto leopardiano, modifica o seu discurso, e passa a discordar da conclusão de Leopardi, pois, segundo J.C. a única solução para Leopardi é a morte:

Deve-se convir, porém, que a conclusão a que chega Leopardi não é a melhor nem resolve cousa alguma, porque, diz elle, para todos os males deste mundo só ha um remedio: a morte. [...] Esse desejo, porém, não quer dizer que o homem de hoje se illuda a ponto de se deixar mystificar sobre as cousas terrestres (J. C, 1910, p. 1).

Nesse sentido, o cronista assume e reproduz a crítica do século XIX em relação ao pessimismo leopardiano, “o cantor desesperado da *infelicità*”. Não por acaso, J.C. apresenta Schopenhauer como um dos leitores de Leopardi e encerra o texto com os seus votos de feliz ano novo.

Esse mesmo diálogo é também apresentado na revista *Fon-Fon*, de 1º de janeiro de 1915²⁰. Diferentemente da tradução anterior, não há nenhuma identificação do tradutor, como podemos visualizar na imagem abaixo:

Figura 1 – Tradução do *Dialogo di un venditore di almanacchi e un passeggero* na Revista *Fon-Fon*



218

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Antes da tradução, há uma breve explicação do texto, caracterizando-o como um diálogo de um “triste pessimismo” entre o vendedor e um transeunte, reforçando o perfil pessimista de Leopardi. Diferentemente da primeira tradução, em que J.C decide traduzir as três primeiras falas do diálogo, o tradutor sem identificação da Revista *Fon-Fon* opta por uma tradução mais narrativa, e é apenas na quarta fala, que inicia a estrutura de um diálogo, conforme aparece no texto fonte. E, ao final, traz uma pequena conclusão: “E o transeunte lá se vae, desaparece

BIGNARDI, Ingrid; GUERINI, Andréia. O “Dialogo di un venditore di almanacchi e di un passeggero” de Leopardi na imprensa brasileira do século XX (1910-1935): materialidade, paratexto e tradução. *Belas Infieis*, Brasília, v. 9, n. 5, p. 211-228, out./dez., 2020. e-ISSN: 2316-6614. DOI: 10.26512/belasinfieis.v9.n5.2020.32912

entre a multidão; e o vendedor de almanachs continua apregoando os seus almanachs”.(J. C, 1910, p. 1).

A tradução desse mesmo diálogo volta a ser publicada em 06 de janeiro de 1923²¹, na revista *Para Todos*²², com o título *Um vendedor de Almanachs e um transeunte*. Ao apresentar o diálogo ao público brasileiro, a revista comete um equívoco ao informar que esse texto foi composto nas últimas horas de vida do poeta, ou seja, em 1837, ao invés de 1832.

Nessa tradução, logo no início, temos apenas uma breve frase que diz: “O poeta Leopardi que olhava a vida com olhos dolorosos, imaginou um diálogo entre um vendedor de Almanachs e um transeunte ao fim do velho ano” (J. C, 1910, p. 1). Embora o diálogo seja um texto em prosa, a frase enfatiza o perfil de um Leopardi poeta, o seu pessimismo e expressa uma opinião ao dizer que Leopardi imaginou o diálogo e não escreveu.

Outra característica a ser evidenciada é a forma como o tradutor resolveu apresentá-lo. Nesse sentido, se pensarmos em apenas dois aspectos da tradução: se o texto traduzido está completo ou incompleto e se na página a tradução ocupa um determinado espaço e possui um determinado formato, poderemos visualizar que a depender do veículo em que a tradução é publicada e/ou seu escopo editorial a forma como a tradução se apresenta é modificada.

219

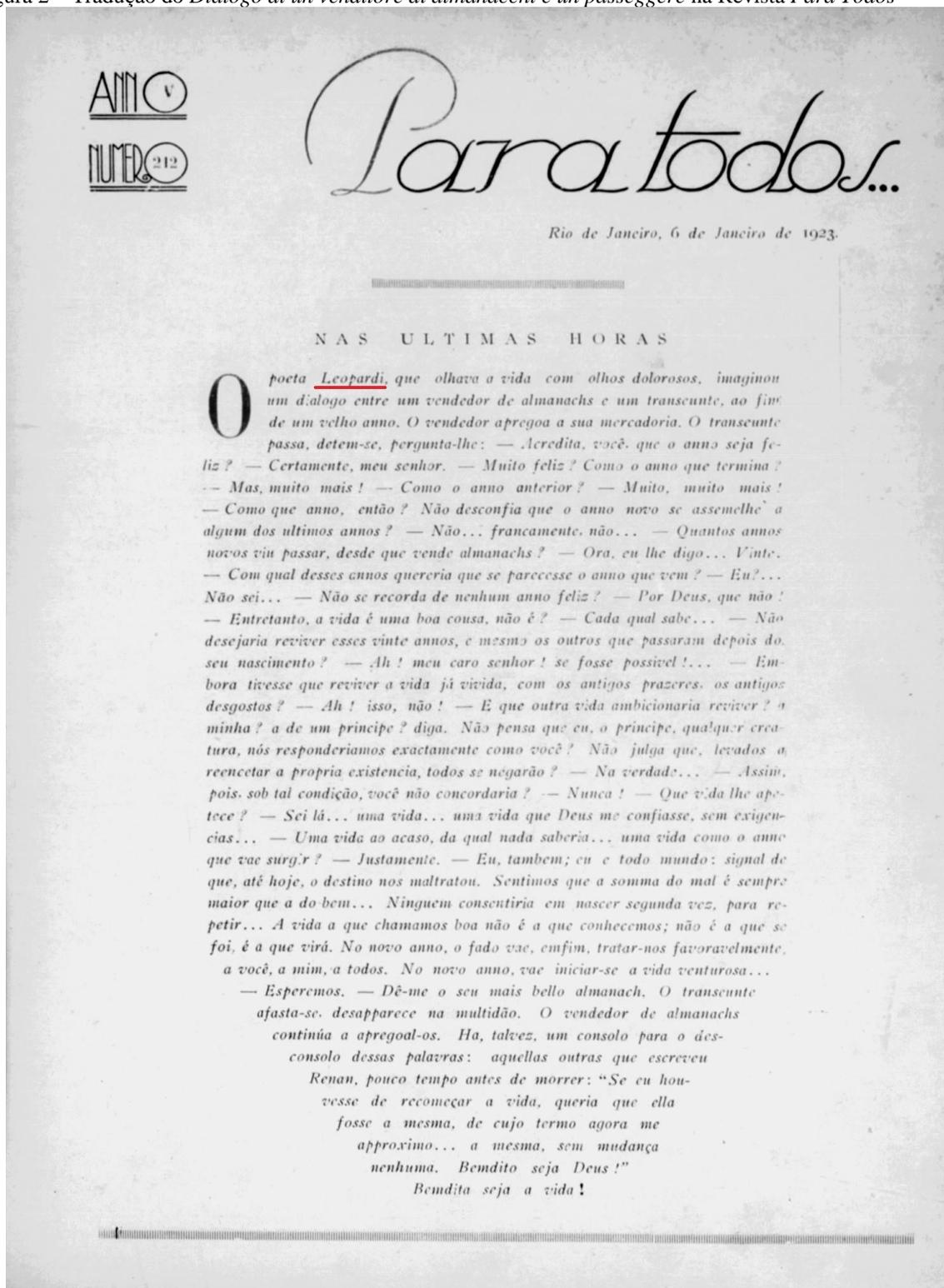
É o caso das duas traduções publicadas em jornais que parecem priorizar um formato mais tradicional parecido com o ensaio, enquanto o aspecto de ser completa ou não fica a cargo do autor.

No caso da tradução de J.C., de 1910, publicada no *Correio Paulistano*, trata-se de uma tradução incompleta, que aparece de forma sintética como se fosse um breve texto ou um outro ensaio qualquer; na tradução de Celso Vieira, como veremos adiante, publicada no jornal *A Noite* de 1935, é uma tradução completa e em formato mais próximo ao ensaio.

As traduções publicadas em revistas aparecem em formato totalmente diverso, com ilustração.²³ A *Revista Fon-Fon* de 1915 traz a tradução completa, ocupando mais de 1/3 da página; na revista *Para Todos* de 1923, temos também a tradução completa e podemos perceber uma maior liberdade em manipular o texto, uma vez que diferentemente das outras traduções, nessa destaca-se o *design* do texto que aparece sob o formato de uma seta. A escolha de uma nova forma de se apresentar o diálogo pode estar relacionada ao projeto que guiava a revista, ou seja, o de ser uma revista enciclopédica, com a apresentação dos conteúdos de forma dinâmica e divertida, como vemos a seguir:

BIGNARDI, Ingrid; GUERINI, Andréia. O “Dialogo di un venditore di almanacchi e di un passeggero” de Leopardi na imprensa brasileira do século XX (1910-1935): materialidade, paratexto e tradução. *Belas Infieis*, Brasília, v. 9, n. 5, p. 211-228, out./dez., 2020. e-ISSN: 2316-6614. DOI: 10.26512/belasinfeis.v9.n5.2020.32912

Figura 2 – Tradução do *Dialogo di un venditore di almanacchi e un passeggero* na Revista *Para Todos*



220

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Um aspecto importante dessa publicação é o aparato visual que parece estar ligado a uma das inovações da imprensa no início do século XX, o modernismo²⁴. A poética modernista

BIGNARDI, Ingrid; GUERINI, Andréia. O “Dialogo di un venditore di almanacchi e di un passeggero” de Leopardi na imprensa brasileira do século XX (1910-1935): materialidade, paratexto e tradução. *Belas Infieis*, Brasília, v. 9, n. 5, p. 211-228, out./dez., 2020. e-ISSN: 2316-6614. DOI: 10.26512/belasinfieis.v9.n5.2020.32912

ampliou a presença da imagem e materialidade da literatura. Podemos analisar a tradução acima, por exemplo, pelo conceito de palavra-imagem, definido por Octavio Paz como “[...] toda forma verbal, frase ou conjunto de frases, que o poeta diz e que unidas compõem um poema” (PAZ, 1996, p. 37). Contudo, vale destacar que a palavra-imagem não se manifesta e nem se compõe apenas de poema, mas também de prosa. Desse modo, o diálogo de Leopardi também pode ser uma palavra-imagem, não apenas pela forma como ele está representado, mas também pelo seu conteúdo imagético.

Outro aspecto importante é que a imagem do diálogo é veiculada em uma revista, e diferentemente das traduções publicadas nos jornais, há maior espaço, permitindo que o tradutor brinque com a forma, sintetizando o conteúdo e dando preferência à imagem gerada. Essa sensível mudança no corpo da escrita é que nos permite pensar a palavra-imagem para além da poesia, pois de acordo com Octavio Paz:

Na prosa, a unidade da frase é conseguida através do sentido, que é algo como uma flecha que obriga todas as palavras a apontarem para um mesmo objeto ou para uma mesma direção, Ora, a imagem é uma frase em que a pluralidade de significados não desaparece. A imagem recolhe e exalta todos os valores das palavras, sem excluir os significados primários e secundários. (PAZ, 1996, p. 44).

221

Desse modo, podemos compreender o motivo da escolha do autor/tradutor em apresentar o diálogo de Leopardi como uma flecha apontando para baixo, o que corrobora para os significados das mensagens a serem difundidas pela *operetta* de Leopardi. O primeiro significado seria que a flecha aponta para o mesmo sentido de as ilusões se repetirem a cada ano e do ano-novo se tornar um momento de renovação da esperança. Outra interpretação possível seria a de uma certa negatividade, de um certo pessimismo, de que estamos indo a cada passagem de ano para o abismo.

No final da apresentação da tradução, o autor/tradutor comenta que há uma espécie de consolo nesse diálogo, que estaria fundado nas palavras de René (Descartes), o qual expressa que, se tivesse de recomeçar a vida, faria as mesmas coisas, e termina dizendo “Deus é a vida”. Esse comentário final se mistura com a tradução, pois não há uma separação entre as partes. Apenas se compreende a distinção entre a tradução e as palavras do autor/tradutor pelo contexto. Nesse momento, o tradutor recupera a figura de René (Descartes) para servir como uma espécie de fiador de seu comentário, gerando uma tensão entre tradução e discurso de acompanhamento.

Esse mesmo diálogo recebe outra tradução, em 3 de janeiro de 1935²⁵, no jornal *A Noite*, com o título *O vendedor de Calendários*²⁶, feita por Celso Vieira²⁷, membro da Academia Brasileira de Letras. A tradução de Celso Vieira se apresenta como uma tradução não assumida. Na sua “introdução”, Celso Vieira assume uma posição de crítico literário e dialoga com o texto *Le pessimisme de Leopardi*, de Gourmont. Na sequência, Vieira coloca em cena as palavras de Gourmont sobre a linguagem de Leopardi e sobre o ato de traduzir Leopardi.

Celso Vieira inicia o texto com uma breve apresentação de Leopardi, destacando a atemporalidade dos escritos do escritor italiano. A referência usada por Vieira em sua introdução para embasar a vida e obra de Leopardi foi extraída do texto *Le pessimisme de Léopardi*²⁸, de Gourmont, publicado pela primeira vez em 1905, que faz uma apresentação ao livro *Giacomo Léopardi, Choix d'œuvres en prose, dialogues et pensées, traduction de l'italien avec introduction et commentaire, par Mario Turiello*. Gourmont comenta que Leopardi possui uma linguagem obscura até mesmo para os italianos, de modo que “Se é sempre difícil traduzir, o é particularmente mais difícil de traduzir Leopardi²⁹ (GOURMONT, 1913, p. 45-63). Porém, esse “obscurantismo” não impediu Celso Vieira de realizar a sua tradução.

222

Enquanto Gourmont, em sua tradução, reforça o caráter da filosofia “pessimista” de Leopardi e comenta que as outras traduções do *Dialogue du Passant et du Marchand d'almanachs* são ilegíveis e que ele fornecerá uma tradução “legível e bem mais bonita”, Celso Vieira não coloca a sua tradução como referencial de uma tradução legível e bonita.

Celso Vieira, diferentemente dos outros tradutores, faz uma espécie de adaptação/ domesticção, reescrevendo partes do diálogo leopordiano. Essa reescrita se dá já a partir do próprio título que centra na figura do vendedor de calendários, omitindo as palavras “diálogo e passeggere” e ainda cria um ambiente brasileiro, usando a Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, para localizar a cena, conforme destacamos abaixo:

Assim escreveu Leopardi, em 1819; no principio de 1935, porém, teria feição oposta o dialogo travado á esquina da Sorte, na rua do Ouvidor:

- Pensa que o novo anno será mesmo um Anno Bom?
- Não creio. Talvez um anno soffrivel.
- Como o anno findo?
- Oh! muito menos; muito menos.
- Como o penultimo?
- Oh! ainda menos; ainda menos.
- Então, qual o anno que o senhor gostaria de reviver nos doze mezes ineditos?
- Qualquer dos annos passados e vividos, antes da grande guerra, com todos os seus dissabores, todas as suas catastrophes. (VIEIRA, 1935, p. 2).

Da tradução de parte do diálogo, Vieira parte para a comentários mais gerais, como os que seguem abaixo:

Se hoje ressuscitasse, o proprio Leopardi não concluiria de outra forma o dialogo entre o pessimista da rua e o vendedor de almanaks. Neste globo desordenado, tantas ameaças ennegrecem o futuro dos homens, que elles seriam felizes, muito felizes, volvendo ao primeiro anno da era christã. Olhe bem o povir, as machinas de guerra e as outras machinas, os desempregados e os insubmissos, luta e flagellos sociaes, em perspectiva. Mas na arvore sombria da vida, mesmo tocada pelo raio, desabotóa sempre uma flór parasitaria - a esperança.

- De sorte que o reino do Padre Nosso, a fraternidade universal prégada na radio...

- Tudo isso é para o Anno Bom do terceiro millenio. (VIEIRA, 1935, p. 2).

Podemos dizer, portanto, que através dessa reescrita do texto de Giacomo Leopardi, Celso Vieira traduz o diálogo do *Vendedor de Calendários* para a realidade brasileira, porque os calendários não são vendidos em uma rua qualquer da França ou da Itália, mas na Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro. A ilusão da esperança de um ano melhor é substituída pela afirmação de um ano sofrível e cada vez pior.

Podemos dizer que ao criar um cenário onde ocorre o diálogo e também ao interpretar de um modo particular os conceitos de ilusão e dor, Celso Vieira opta por uma tradução mais domesticadora. O fato de Celso Vieira ter reescrito o diálogo de Leopardi pode ser resultado da leitura de Gourmont, uma vez que o escritor francês chama a atenção para um possível “erro” no diálogo de Leopardi. Gourmont diz:

Pode haver, no raciocínio de Leopardi, um pequeno erro. Não é porque nossa vida tenha sido ruim que seria doloroso fazê-lo novamente. Uma vida feliz vivida duas vezes teria encantos um pouco maiores. Devemos levar em conta o elemento de curiosidade. Não existe criatura humana, tão resignada que seja à monotonia de uma existência sonolenta, que não espera nas profundezas de sua alma não sabermos o que não está previsto³⁰. (GOURMONT, 1913, p. 45-63, tradução nossa).

Se o erro para Gourmont em Leopardi está no “desejo de reviver”, para Celso Vieira o erro está na ideia de que o futuro poderia ser melhor. Como podemos observar, Celso Vieira parece se aproximar mais da filosofia de Leopardi do que o próprio Gourmont. É apenas na conclusão que percebemos a voz do tradutor recriando o diálogo com elementos do contexto brasileiro e advertindo os leitores dos malefícios da guerra, que estava prestes a surgir, e da perda da esperança.

Como apresentamos acima, o *Dialogo di un venditore di almanacchi e di un passeggero*, a partir das buscas no site da Hemeroteca Digital Brasileira, é publicado quatro vezes na

imprensa escrita brasileira de 1910 a 1935, o que demonstra um relativo interesse pelo autor italiano e por esse diálogo em particular. A recepção desse escritor no Brasil, nesse período, reforça o interesse pelo prosador e pelos aspectos “pessimistas” da sua obra.

Como vimos, as traduções se materializam de diferentes formas na mídia impressa brasileira e aparecem com discursos de acompanhamento que de alguma forma possibilitam visualizar a ideologia do autor/tradutor mesmo que não tenha seu nome mencionado. Além disso, verifica-se como a materialidade do periódico pode ser decisiva na apresentação da tradução, já que nesse veículo, jornal ou revista, o autor/tradutor pode usar diferentes estratégias para apresentar a sua tradução confirmando que a midialidade também faz história e possibilita a tradução (LITTAU, 2016, p. 87).

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de doutorado destinada à Ingrid Bignardi.

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 2 recebida pela professora doutora Andréia Guerini.

REFERÊNCIAS

APPUNTI LEOPARDIANI. Florianópolis: UFSC, v. 17, n. 1, 2019.. Disponível em: <http://www.appuntileopardiani.cce.ufsc.br/edition17/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

BATCHELOR, Kathryn. *Translation and Paratexts*. London, New York: Routledge, 2018.

BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica – História da imprensa brasileira*. São Paulo: Ática Editora, 1990.

BIGNARDI, Ingrid. *Leopardi na Imprensa Brasileira do século XIX: Poeta ou Prosador?*. 2015. 167 f. Monografia (Graduação em Letras - Língua Italiana e Literaturas, Língua e Literaturas Estrangeiras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <http://www.ile.cce.ufsc.br/docs/tccs/d68e61ad79b55c9ac0479010eb974a48.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020

BIGNARDI, Ingrid. *Giacomo Leopardi na Imprensa Brasileira do Século XX (1901 a 1930): Tradução Cultural*. 2018. 269 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/193915/PGET0383-D.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 ago. 2020

BIGNARDI, Ingrid; GUERINI, Andréia. “Pontos de vista de uma mulher”: Giacomo Leopardi “traduzido” por Bruna Becherucci n’O Estado de São Paulo. *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, [S.l.], v. 28, n. 3, p. 13-40, set. 2019. Doi: <http://dx.doi.org/10.17851/2358-9787.28.3.13-40>. In: <>. Acesso em: 20/03/2020.

CHARTIER, Roger. Escutar os mortos com os olhos. Traduzido por Jean Briant. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 24, n. 69, p. 6-30, 2010.

DOORSLAER, Luc van. Journalism and translation. In: GAMBIER, Yves; DOORSLAER, Luc van (Ed.). *Handbook of Translation Studies*. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 2010, p. 180-184.

FON-FON. Rio de Janeiro: O Malho, ano IX, nº:1, ed. 001. 01 de jan. 1915. Semanário. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/259063/20193>. Acesso em: 12 set. 2020.

FIERENS-GEVAERT, Hippolyte. *La tristesse contemporaine : essai sur les grands courants moraux et intellectuels du XIXe siècle*. Paris: F. Alcan, 1899. Disponível em: <https://ia802604.us.archive.org/3/items/latristesseconte00fier/latristesseconte00fier.pdf>. Acesso em: 12 set 2020.

GOURMONT, Remy de. Le pessimisme de Léopardi. In: LEOPARDI, Giacomo. *choix d'oeuvres en prose, dialogues et pensées*. Tradução de: Mario Turiello. Paris: Ancienne Honoré Champion, 1913, p. 45-63.

GUERINI, Andréia; BIGNARDI, Ingrid. Giacomo Leopardi na imprensa brasileira do século XIX. *Appunti Leopardiani*, Florianópolis, v. 2015.1, p. 18-25, 2015. Disponível em: <http://www.appuntileopardiani.cce.ufsc.br/edition09/>. Acesso em: 12 set. 2020.

J. C. Factos e Impressões: Cronica da Semana. *Correio Paulistano*. São Paulo, p. 1-1. 04 jan. 1910. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/090972_06/17276. Acesso em: 12 set. 2020.

LEOPARDI, Giacomo. *Operette Morali*. Milano: Einaudi, 1959.

LEOPARDI, Giacomo. *Zibaldone di Pensieri*. Tradução de: Andréia Guerini; Tânia Moysés e Anna Palma. Disponível em: <http://www.zibaldone.cce.ufsc.br/obra/index.php>. Acesso em: 12 set. 2020.

LITTAU, Karin. Translation and the materialities of communication. *Translation Studies*, v. 9, n. 1, 2016, p. 82-96.

MANFIO, Diléia Zanotto. *La Fortuna del Leopardi nella cultura Brasiliana*. 252 f. Curso de Lettere e Filologia, Departamento de Istituto di Filologia e Letteratura Italiana, Università Degli Studi di Padova, Padova, 1979.

PARA TODOS: MAGAZINE SEMANAL ILUSTRADO. Rio de Janeiro, RJ: Companhia Grafica Brasileira, 1918. Semanário. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/Para-Todos/124451>. Acesso em: 12 set. 2020.

PARA TODOS: MAGAZINE SEMANAL ILUSTRADO. Rio de Janeiro: Companhia Gráfica Brasileira, ano V, n. 212, ed. 00212. 6 de jan. 1923. Semanário. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/124451/7846>. Acesso: 12 set. 2020.

PAZ, Octavio. *Signos em Rotação*. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1996.

ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. *História do jornalismo no Brasil*. Florianópolis: Insular, 2007.

RUSSO, Mariagrazia. *Um só dorido coração*: Implicazioni leopardiane nella cultura letteraria. Viterbo: Sette Città, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1977.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. *Traduzir o Brasil Literário*: Paratexto e discurso de acompanhamento. Tubarão: Copiart. 2011.

VIEIRA, Celso. O Vendedor de Calendários. *A Noite*, Rio de Janeiro, Edição: 08301, 3. jan. 1935. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/348970_03/21071. Acesso em: 12 set. 2020.

226 WILLSON, Patricia. “Página impar: el lugar del traductor en el auge de la industria editorial”. In: SAÍTTA, Sylvia (Dir.). *Historia crítica de la literatura argentina*. v. 9. El oficio se afirma. Buenos Aires: Emecé, 2004, p. 123-142.

ZANON, Maria Cecilia. A sociedade carioca da Belle Époque nas páginas do nas páginas do Fon-Fon!. *Patrimônio e Memória*, v. 4, n. 2, p. 217-235, 2007. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/download/178/510>. Acesso em: 12 set. 2020.

¹ Sobre a tradução de obras de Leopardi para outras línguas, citamos como exemplo seu mais famoso poema “L’Infinito”, cujas traduções podem ser acessadas no número 17 da revista *Appunti Leopardiani*. Disponível em: <http://www.appuntileopardiani.cce.ufsc.br/edition17/>.

² Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

³ As ocorrências sobre “Opúsculos Morais” não se relacionam com a obra de Giacomo Leopardi. As ocorrências parecem estar ligadas ao formato/gênero que representam os opúsculos, ou seja, um livro pequeno sobre artes e ciências. Nas ocorrências aparecem obras de gramática, filosofia, administração e religião. As *Operette Morali* de Leopardi quando aparecem são mencionadas pelos títulos dos diálogos, como por exemplo, “Dialogo della moda e della morte” ou “Dialogo di un venditore di almanacchi e un passeggero” etc.

⁴ A primeira edição foi lançada em 1899 pela editora Alcan. Mesmo sem tradução ainda para o português o livro circulou entre os intelectuais do final do século XIX e início do século XX e foi um dos livros que embasaram as discussões sobre o pessimismo leopardiano.

⁵ A tradução do capítulo VII em português foi publicado no jornal *Correio Paulistano* em 13 de fevereiro de 1910. Não consta no jornal o nome do tradutor.

⁶ Entre os textos que mencionam a imagem de Leopardi como Cisne Negro encontramos resenhas, traduções, críticas literárias e anúncios de livros e peças teatrais.

⁷ No *Zibaldone di pensieri*, há uma ampla discussão sobre o assunto, e aqui destacamos um trecho: “Eu considero as ilusões como algo de certo modo real, porque elas são ingredientes essenciais do sistema da natureza humana, e dadas pela natureza a todos os homens, de maneira que não é lícito desprezá-las como sonhos de um só, mas

próprios verdadeiramente do homem e desejados pela natureza, e sem os quais a vida nossa seria a mais mísera e bárbara coisa etc.” *Tradução de Andréia Guerini, Anna Palma e Tânia Mara Moysés.* [Zib. 51]

⁸ No *Zibaldone di pensieri* há uma ampla discussão sobre o tédio e aqui destacamos apenas um fragmento no qual Leopardi diz: “...Em suma, o tédio não é senão uma falta do prazer, que é o elemento da nossa existência, e de algo que nos distraia de desejá-lo. Se não fosse a tendência imperiosa do homem ao prazer sob qualquer forma, o tédio, essa afeição tão comum, tão frequente e tão detestada não existiria.” *Tradução de Andréia Guerini, Anna Palma e Tânia Mara Moysés.* [Zib. 174]

⁹ “*But translation forms an integral part of journalistic work: a complex, integrated combination of information gathering, translating, selecting, reinterpreting, contextualizing and editing*”.

¹⁰ “*El sujeto de esa práctica – el traductor- no es individual, sino que es portavoz de un grupo social que se ha forjado un sistema de representaciones de esa práctica, del público lector, de la literatura extranjera, de los vínculos entre la literatura extranjera y la literatura nacional*”.

¹¹ “*Sin embargo, la especificidad de la literatura traducida no se halla en el proceso de traducción, sino más bien en el modo en que el producto – la traducción – funciona en la literatura receptora, o en la cultura receptora.*”.

¹² “*media history is not only a supplement to other kinds of historical inquiry; it is a challenge to how we understand history altogether. Media make history, transmission, culture, communication and translation possible.*”.

¹³ “*The paratext consists of any element which conveys comment on the text, or present the text to the readers, or influences how the text is received. Paratextual elements may or may not be manifested materially; where they are, that manifestation may be physically attached to the text (peritext) or may be separate from it (epitext) [...] A peritext is therefore by definition paratextual. Other elements constitute part of a text’s paratext only insofar as they achieve one of the functions listed above, i.e. convey comment on the text, present the text to the readers, or influence how the text is received*”.

¹⁴ O *Correio Paulistano* teve sua primeira publicação em 1854, o seu fundador era o proprietário da Tipografia Imparcial, Joaquim Roberto de Azevedo Marques, e como primeiro redator Pedro Taques de Almeida Alvim. O *Correio Paulistano* nasceu liberal e ao longo do tempo foi mudando de posição, ligando-se ao Partido Conservador e, posteriormente, ao Partido Republicano Paulista, sendo o seu órgão oficial a partir de 1890.

¹⁵ A revista *Fon-Fon* foi fundada no Rio de Janeiro em 1907 por Jorge Schmidt, que também era proprietário das revistas *Kosmos* e *Careta*. O propósito da revista *Fon-Fon* era ser, como o seu subtítulo diz, um “semanário alegre, político, crítico e esufiante”. A revista ainda contava com grandes ilustradores, como Raul Pederneiras, Kalixto e J. Carlos, os quais utilizavam fotografias, charges e caricaturas coloridas feitas por recurso e técnicas de ilustração, litografia e xilogravura. A revista *Fon-Fon* contava um conteúdo variado desde entretenimento, costumes, literatura até a sátira e crônica política. Em 1915, a revista mudou de proprietário e direção, e ao longo dos anos o periódico ganhou notoriedade, principalmente com a participação de colaboradores como Homero Prates, Ronald de Carvalho, Ribeiro Couto, Mario Poppe e Emiliano Augusto Di Cavalcanti. Segundo Maria Cecília Zanon, o periódico foi um importante elo de trocas culturais entre a França e o Brasil (ZANON, 2005, p. 20).

¹⁶ A revista *Para Todos* foi mensal e circulou entre 1905 e 1930 e se propunha a ser uma enciclopédia. O periódico fazia parte das empresas ligadas à tipografia de *O Malho*. A revista tinha como objetivo “[...] cumprir o vasto programma a que a obriga o seu título mas que, pelo seu feitio e pelo seu preço, é antes de tudo destinada às nossas classes populares.” (PARA TODOS, 1905, p. 2). Em suas páginas tinham conteúdo dos mais variados, como saúde, moda, literatura, teatro. Na década seguinte em 1915, a revista passa a ser comercializada para outros países. A revista era plena de ilustrações e fotografias, e ao passar dos anos começou a inserir ilustrações coloridas em suas páginas.

¹⁷ A *Noite* foi um jornal carioca fundado em 18 de julho de 1911 por Irineu Marinho, que posteriormente fundou o jornal *O Globo* em 1925. O jornal tinha como temáticas centrais coberturas locais e noticiário policial. Em seus 53 anos passou por diversas suspensões, entre elas de janeiro de 1958 a 25 dezembro 1959 e de 27 de dezembro de 1959 a 19 de dezembro de 1960. Grande parte das suas primeiras edições encontram-se mutiladas ou faltando páginas. A sua diagramação com fontes maiores, colunas mais largas e poucas divisões, fizeram com que o periódico entrasse no gosto popular. O jornal publicava notícias nacionais e internacionais, e as suas colunas literárias e folhetins davam destaque para autores e obras canônicas.

¹⁸ Tradução disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_06/17276. Acesso em: 12 set. 2020.

¹⁹ Em todas as citações extraídas dos periódicos foram mantidas a ortografia da época, não sendo o texto atualizado para as normas atuais da língua portuguesa.

²⁰ Tradução disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/259063/20193>. Acesso em: 12 set. 2020.

²¹ Tradução disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/124451/7846>. Acesso em: 12 set. 2020.

²² A revista *Para Todos* foi fundada na metade do século XIX e teve como um dos seus principais ilustradores J. Carlos. A sua principal característica é ser uma revista de variedades que poderia ser lida por pessoas de qualquer idade, os temas giravam em torno de: moda, literatura notícias de eventos sociais, música, cinema, charges e

divertimentos do tipo charadas e palavras cruzadas. A revista era considerada por muitos leitores de caráter enciclopédico, pois apresentava um conteúdo de cerca de 60 páginas que serviam de referências para os estudos dos leitores.

²³ A ilustração de uma mulher que acompanha a tradução publicada na revista *Fon-Fon* parece não ter relação nenhuma como o diálogo.

²⁴ Segundo Nelson Werneck Sodré, as transformações advindas da segmentação e especialização do conteúdo são responsáveis pela maior difusão do conteúdo gráfico na imprensa: “É um pouco dessa transformação que decorre a proliferação das revistas ilustradas que ocorre a partir daí. Nelas é que se irão refugiar os homens de letras, acentuando a tendência do jornal para caracterizar-se definitivamente como imprensa; as revistas passarão, pelo menos nessa fase, por um período em que são principalmente literárias, embora também um pouco mundanas, e algumas críticas. O desenvolvimento das artes gráficas permite, agora, essa repartição.” (1977, p. 297). Aliado a isto, o modernismo, segundo o próprio Sodré, colabora tanto para a difusão da literatura e conteúdo gráfico quanto para a ascensão de uma imprensa mais burguesa (1977, p. 362).

²⁵ Tradução disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/348970_03/21071. Acesso em: 12 set. 2020.

²⁶ Essa publicação foi feita duas vezes, uma mostra a tradução em uma página dirigida a anúncios e a outra em uma página em meio à notícias de tensão de uma futura guerra. Não sabemos ao certo o motivo pelo qual foram publicadas duas páginas, mas supomos que se trata de um erro de editoração ou até mesmo notícias que chegaram de última hora, modificando assim as publicações anunciadas.

²⁷ O perfil do acadêmico Celso Vieira encontra-se disponível na Academia Brasileira de Letras em: <https://www.academia.org.br/academicos/celso-vieira>.

²⁸ O ensaio está disponível em: <http://www.remydegourmont.org/vupar/rub2/leopardi/notice.htm>. A reprodução do texto foi retirada de sua 10ª edição.

²⁹ “*Mais s'il est toujours difficile de traduire, il est particulièrement difficile de traduire Léopardi.*” (1913, p. 45-63).

³⁰ “*Il y a peut-être, dans le raisonnement de Léopardi, une légère erreur. Ce n'est pas parce que notre vie a été mauvaise qu'il nous serait pénible de la recommencer. Une vie heureuse vécue deux fois n'aurait guère de plus grands charmes. Il faut tenir compte de l'élément de curiosité. Il n'est pas de créature humaine, si résignée qu'elle soit à la monotonie d'une existence endormie, qui n'espère au fond de son âme on ne sait quel imprévu.*”

NOTA DAS AUTORAS

Ingrid BIGNARDI – Doutoranda e Mestre (2018) em Estudos da Tradução (PGET) pela Universidade Federal de Santa Catarina com Bolsa Capes. Bacharel (2015) e Licenciada (2016) em Letras Língua Italiana e Literaturas pela mesma instituição. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5885-4904>

Currículo acadêmico: <http://lattes.cnpq.br/4903373981683347>

E-mail: ingridbignardi@gmail.com

Andréia GUERINI – Professora Titular do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras e da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutora em Literatura (1999-2001) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada em Letras (1988) pela mesma instituição. Foi professora visitante na Università degli Studi di Padova (2009-2010), Itália e na Universidade de Coimbra (2017-2018), Portugal, com bolsa Capes. É pesquisadora PQ/2 CNPq. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras, Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3187-6246>

Currículo acadêmico: <http://lattes.cnpq.br/1962473391601725>

E-mail: andrea.guerini@gmail.com